



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Faculdade de Comunicação (FAC)**  
**Departamento de Jornalismo**

## **REMOTUS**

**Autora: Natália de Carvalho Fechine**  
**Orientadora: Érika Bauer de Oliveira**

Brasília - DF  
2021



**NATÁLIA DE CARVALHO FECHINE**

**REMOTUS**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Érika Bauer de Oliveira.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Érika Bauer de Oliveira

---

Membro 1: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

---

Membro 2: Prof. Helena Maria de Freitas Chagas

---

Suplente: Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte

Brasília - DF

2021

## AGRADECIMENTOS

Ao Universo, por me proporcionar jornadas incríveis, aprendizados e constante evolução.

Ao meu pai, que seca minhas lágrimas, me faz acreditar que tudo vai dar certo, comemora minhas vitórias e é minha inspiração.

À minha mãe, pelas intermináveis orações.

Aos meus entrevistados maravilhosos: Paulo Veríssimo, Iano Fazio, Kalaf Epalanga, Christylez Bacon, Thaís Mallon, Tato Germano, Kai Mayu, Mili Pochat, Renata Melo, Thiago Bezerra, Isadora Pina, Nathalia Marques e Cirilo Quartim. Sem eles o documentário não existiria.

Ao Gui Monteiro, por ter me ajudado na produção do *Remotus*.

Às minhas amigas, Júlia, Isabel e Carol, por serem, na verdade, minhas irmãs.

Ao Trick, que tornou meu ano de 2021 tão especial e por ser um alívio em tempos tão difíceis.

À minha orientadora, Erika Bauer, por ser uma mulher inspiradora e me guiar durante este trabalho.

A todos que conheci e convivi na UnB.

## RESUMO

A arte está presente em todos os lugares e em todas as épocas. Perpassa a existência humana e tem consigo infinitas possibilidades. Quem a faz é conhecido como artista. Um termo cheio de importância. Por isso, era preciso ouvi-los. O documentário *Remotus* é uma conversa com 13 artistas de Brasília, Buenos Aires, Berlim, Angola e Washington D.C durante a pandemia da Covid-19 em 2020. A situação trazida pelo vírus trouxe mudanças abruptas na vida dos entrevistados. Os relatos dos artistas mostram como eles estiveram e o que fizeram para contornar a nova realidade: sem shows, sem público, sem aglomerações. As condições da classe que já não eram boas ficaram ainda mais em evidência. Não só no Brasil, mas no mundo. A tecnologia, entretanto, serviu como apoio e proporcionou alternativas para contornar, de certa forma, essa situação caótica. Tanto que só foi possível produzir este documentário à distância graças a ela.

**Palavras-chave:** documentário; arte; artistas; hiperconectividade; *Remotus*.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
1.1 PERGUNTA DE PESQUISA	6
1.2 OBJETIVO GERAL	6
1.3 OBJETIVO ESPECÍFICO	6
<b>2. JUSTIFICATIVA</b>	<b>9</b>
<b>3. CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>11</b>
3.1 COVID-19 NO MUNDO	11
3.2 COVID-19 E OS ARTISTAS PELO MUNDO	11
3.3 COVID 19 E ARTISTAS BRASILEIROS	13
<b>4. REVISÃO TEÓRICA</b>	<b>16</b>
4.1 A VIDA DIGITAL	
4.2 O OUTRO LADO DA MOEDA: FAKE NEWS	18
4.3 A ARTE EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE	19
4.4 O DOCUMENTÁRIO SOBRE ARTISTAS COMO A ARTE EM SI	22
<b>5. MEMÓRIA</b>	<b>26</b>
5.1 O COMEÇO	26
5.2 ROTEIRO	29
5.3 REMOTUS GANHA VIDA	46
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Arte: substantivo feminino. Deriva do latim “ars, artis”. Segundo o dicionário Houaiss, define-se como “maneira de ser ou de agir, habilidade natural ou adquirida” e acrescenta “é a produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana”. Ao que se sabe, desde tempos primordiais, com as pinturas rupestres, o homem documentava sua rotina através de desenhos. Pode-se falar nas tendências e aspectos técnicos e estéticos da Grécia até meados do século XX com a arte moderna. Porém, vamos nos atentar ao período em que surge a arte contemporânea, após as Grandes Guerras.

Atualmente, evita-se grandes conflitos. E, com isso, a nova interação é em nível global. As pessoas estão hiperconectadas e possuem possibilidades infinitas com a *web*. Nessa era tecnológica, busca-se cada vez mais estar com o outro, entre semelhanças e diferenças. Mais referências, novas formas de cultura e de criação da arte: a globalização permite que as informações cheguem de forma fácil a quem puder ser afetado. As fronteiras, tanto terrestres como sociais, não são impedimentos. Entretanto, como lidar com uma barreira que não pode ser vista e que não distingue faces, raças, línguas, territórios? O planeta teve que diminuir o ritmo em 2020. A Covid-19 fez com que a sociedade mudasse suas estruturas, não só no Brasil, mas como em todo o Planeta Terra. E, os artistas, tão essenciais para a sociedade, tiveram que se distanciar das suas rotinas.

A sociedade, obrigada a ficar enclausurada, pôde compartilhar o dia a dia, mostrar virtualmente o que se estava fazendo ou sentindo. Uma solidude talvez física, mas não necessariamente social. A conexão com o outro, por meio da *internet*, proporcionou encontros maravilhosos.

A hipercultura é a nova organização em curso. O compartilhamento é a nova ferramenta de um estilo de vida. É possível ter informações e contatos instantâneos com qualquer pessoa ao redor do mundo. A facilidade trazida pela comunicação virtual possibilita hoje, por exemplo, acesso à educação, troca de mensagens e de informações a nível mundial, entre tantos outros fatores. Na verdade, as possibilidades trazidas pela internet são imensuráveis.

A tecnologia não substitui o “ao vivo”, mas possibilitou que a produção não ficasse parada, que a comunicação acontecesse e que nessa nova configuração um documentário fosse feito remotamente. Acredito que *Remotus* - por menor que seja - vai ser uma contribuição para a história dessa pandemia: <https://youtu.be/OwuqeyQOjh0>

## 1.1 PERGUNTA DE PESQUISA

Como os artistas entrevistados passaram pelo primeiro ano da pandemia de Covid-19?

## 1.2 Objetivo geral

Investigar como a pandemia de Covid-19 afetou a rotina dos artistas entrevistados. Sair de casa em 2020, ano em que começou a disseminação do coronavírus pelo mundo, pelo Brasil, por Brasília, era inviável. Esses artistas se viram impedidos de realizar seus trabalhos. Muitos, com o tempo livre, puderam repensar formas de criação, de voltar a antigas formas de arte e produzir mais com o tempo livre. Outros, tiveram que aprender a lidar com a saudade, o desespero, a falta de perspectiva. Acompanhar o depoimento de cada um é uma forma de entender como esses profissionais da área estiveram.

O período em que se atravessa não traz apenas uma crise sanitária, mas mostra também as condições de um país. Muito antes mesmo da pandemia assolou o país. Além da crise sanitária, instaurou-se as crises sociais, econômicas e civis. O que fazer quando se está isolado, quando o que nos torna seres humanos, que é a aproximação com o outro é tão prejudicial? Como diz o psicanalista da Universidade de São Paulo, Christian Dunker:

A pandemia de Covid-19 que se alastra pelo Brasil faz lembrar das lições trazidas, desde sempre, pela peste como estado de exceção. A primeira delas é que a peste é democrática, atingindo ricos e pobres, mulheres e homens, brancos e negros, crianças e idosos, ainda que sobre estes últimos ela seja mais impiedosa e letal. Como dizia Hegel, diante da doença temos que nos lembrar que só há um mestre absoluto: a morte. Ela é a razão e medida de todas as vidas e diante dela somos todos iguais.” (DUNKER, 2020, p.9)

A arte é uma das soluções. É uma porta para falar sobre como passar o tempo, como se divertir, como expressar sentimentos. Segundo Luís Alberto Warat (2010) , a cultura é “a junção de fatores, elementos ‘peculiares’ e presentes em uma sociedade que ninguém tem como aprisioná-la. Ela é mutante e não linear.”

## 1.3 Objetivo específico

A imagem é capaz de englobar várias camadas da sociedade: “Fazer documentários, ou melhor, trabalhar com audiovisual, é uma terapia, uma forma de nos relacionarmos bem com o mundo, uma maneira de compreendê-lo e de entender nossa relação com ele.” (LUCENA, Luiz Carlos, 2012, p. 7)

O documentário, então, surge a partir de conversas informais com os artistas entrevistados - muitos conhecidos há bastante tempo, outros encontrados através das redes sociais ou por indicações de amigos. A pandemia permitiu, através da diversidade da cultura digital, que o público procurasse formas de arte que se adaptam a suas identidades pessoais.

Ao contrário, as imagens serão [...] a realidade dela mesma. Em outras palavras, todo o *sensorium* humano estará engajado em um ambiente eletrônico que se tornará “virtualmente” indistinto das realidades sociais e materiais que as pessoas habitam ou desejam habitar.”. (SANTAELLA, 2003, p. 143)

Por isso, como primeiro aspecto, as pessoas entrevistadas fazem parte do meu círculo de amizades. O segundo fator importante para o entendimento é que durante o período de criação do filme, havia a pandemia da Covid-19. De certa forma, o caos que se instaurou mundialmente permitiu que as entrevistas via internet fossem mais aceitas e que as fronteiras fossem extrapoladas. O terceiro elemento é que nem todas as formas de artes foram abrangidas, infelizmente. E, ainda assim, para entender como um documentário funciona é preciso distanciar o produto do conceito de verdade.

Se vincularmos a definição de documentário à qualidade de *verdade* da asserção que estabelece, estaremos reduzidos à seguinte definição de documentário: *narrativa através de imagens-câmera sonoras que estabelece asserções sobre o mundo os quais concordo*. Trata-se certamente de uma definição frágil que oscila dentro da singularidade da crença de cada um.” (RAMOS, 2008, p.30)

Outro fator que merece destaque é o poder de interação entre diretor e o seu espectador: coloca-se o ponto de vista de quem fez o produto, mas quem o recebe interpreta da forma que quiser. Assim, há o diálogo:



A noção de verdade, muitas vezes, se aproxima de algo que definimos como interpretação. [...] Podemos constatar que a verdade possui um leque de validade que oscila e que esse leque se relaciona ao conjunto de fatos que congregamos para servir de base à interpretação. (ibid, p.32)

Em tempos de incertezas, como acontece em uma pandemia, repensou-se a história, a ciência, a política, a economia, a sociedade, a comunicação e, sobretudo, a arte. É impossível pensar na realização de um documentário e de trabalhos acadêmicos em uma pandemia sem a tecnologia. Ou seja, o uso dessas ferramentas para dar suporte à arte não pode ser apenas colocada em uma só categoria. Usou-se também para promoção da arte, como forma de trabalho aos artistas, entre outras incontáveis possibilidades.

Segundo a publicação da revista Forbes:

“Com a chegada da pandemia, o crescimento delas foi exponencial. O isolamento social transformou as plataformas de streaming numa das principais formas de entretenimento das pessoas que, confinadas em casa, passaram a ficar mais tempo diante da televisão. [...] Segundo pesquisa recente da Conviva, empresa especializada em inteligência integrada de dados, os serviços de streaming cresceram 20% globalmente em março em comparação com os números de duas semanas anteriores.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup><https://forbes.com.br/principal/2020/08/streaming-ganha-ainda-mais-relevancia-com-o-isolamento-social/>

## 2. JUSTIFICATIVA

Arte e cultura são temas que perpassaram minha trajetória acadêmica. Dentro da universidade, pude perceber as amplas influências tanto nas ruas, como nas mídias deste assunto. A partir do momento em que me envolvi nesse círculo percebi como a arte compõe, modifica, influencia os diversos setores da sociedade. Em 2020 e 2021, diante da pandemia de Covid-19, a música, a literatura, a dança, o cinema, o teatro, a série, o canto, a pintura, o rabisco, dentre tantas outras formas, foram importantes para sobreviver ao isolamento.

A nova forma de vivência afetou a todos. A segregação da vida em sociedade não é inerente ao ser humano; precisamos da interação com o outro. Como cada um estava nesse momento? O que as pessoas queriam dizer? Quais os conhecimentos que estavam sendo gerados durante esse período? O que poderia ser documentado para que esse assunto não se perdesse posteriormente? Como diz a escritora Olivia Lang (2020, p. 2, tradução nossa): “[...] arte [...] como uma forma de dar sentido à situação política, de extrair sentido do que se tornavam tempos cada vez mais difíceis.”<sup>2</sup> É a vontade de falar com o mundo sobre as circunstâncias, de passar a sua visão, sentimentos.

As entrevistas realizadas foram uma forma de contato com o “lado de fora”. Os meios de comunicação, redes sociais e tecnologias permitiram, que em um mesmo momento, pessoas em diversos lugares da mesma cidade, ou no mesmo país ou em partes diferentes do mundo se conectem e interajam.

A situação de confinamento domiciliar, alteração da rotina de trabalho ou estudo, a atmosfera de temor e indeterminação, bem como o fato de que nossa vida psíquica anterior ao novo coronavírus nem sempre ser um mar de rosas, reúne muitos ingredientes que incrementam a demanda por psicoterapias ou por escutas de apoio e cuidado.” (DUNKER, 2020, p. 35)

E acrescenta “os recursos ‘naturais’ que temos para enfrentar o sofrimento: a palavra compartilhada, o afeto e a compreensão, a empatia e a tolerância.” (ibid, p.36). Conversar também poderia trazer acalento.

---

<sup>2</sup> “[...] art [...] as a way of making sense of the political situation, of wringing meaning out of what were becoming increasingly troubled times.”

Não há ainda materiais em grande quantidade sobre o assunto. Além disso, uma pequena amostra com 13 artistas pode revelar como outras pessoas se sentiram. Busca-se a identificação do público com o artista e mostrar a realidade dessas pessoas.

Não acho que a arte tenha o dever de ser bela ou edificante, e algumas das obras que mais me atraem se recusam a traficar em qualquer uma dessas qualidades. O que me interessa mais, e o que constitui o interesse unificador em quase todos os ensaios e críticas reunidos aqui, são as formas em que se preocupa com a resistência e reparação.<sup>3</sup> (LANG, 2020, p.2, tradução nossa)

Os entrevistados foram, em sua grande maioria, músicos de Brasília, além de um artista plástico e uma fotógrafa da cidade. Acrescente: uma artista plástica portenha, músicos de Angola, Holanda, Alemanha, Washington D.C. e Buenos Aires. O ponto em comum com todos os entrevistados: a arte.

---

<sup>3</sup> “I don’t think art has a duty to be beautiful or uplifting, and some of the work I’m most drawn to refuses to traffic in either of those qualities. What I care about more, and what forms the uniting interest in nearly all the essays and criticism gathered here, are the ways in which it’s concerned with resistance and repair.”

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO

#### 3.1 Covid-19 no mundo

É necessário apresentar os dados - assim como foi feito no início do documentário - de como surgiu a pandemia da Covid-19. Entretanto, esses são os conhecimentos obtidos durante a escrita deste tópico. Saliento a existência e a importância da ciência, caso as informações aqui escritas sejam alteradas posteriormente.

As primeiras informações de um “novo vírus” - depois nomeado como SARS-CoV-2, Covid-19 ou novo Coronavírus - foram detectadas em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Aparentemente, uma epidemia. Este vírus começou, então, a ganhar destaque pelas altas taxas de transmissão, como também de mortes consequentes. Ao chegar na Europa, comoveu pelos índices de mortalidade, principalmente na Itália e Espanha pelos números impactantes de vítimas, a maioria idosos - mais tarde, também foi desmistificada a ideia de que só pessoas com idades avançadas sofreriam com a doença. A Organização Mundial da Saúde, OMS, em 11 de março de 2020 decretou que a Covid-19 era uma pandemia. A etimologia vem do grego, *pandémia,as*, significa “ o povo inteiro”<sup>4</sup>. Pandemia quer dizer, então, que a doença não é regional, não está limitada a um lugar, pois tem alta taxa de propagação, assim, está em um contexto mundial.

#### 3.2 Covid-19 e os artistas pelo mundo

A matéria publicada no portal da Universidade Northeastern sobre “Como os artistas estão criando e sobrevivendo durante a pandemia da Covid-19” revela:

[...] por causa da pandemia Covid-19 e os efeitos que ela teve na economia dos EUA -46 milhões de pedidos de seguro-desemprego na semana passada-, os artistas tiveram que se adaptar, pois muitos projetos foram cancelados ou colocados em espera. A pesquisa da Americans for the Arts, uma organização sem fins lucrativos com sede em Washington, D.C., descobriu que 62% dos artistas estavam

---

<sup>4</sup> Dicionário Houaiss

totalmente desempregados e mais de 94% perderam sua renda com a pandemia. (tradução nossa)<sup>5</sup>

Na Europa, a rede Culture Action Europe, CAE, e a European Cultural Foundation (em livre tradução, Fundação Cultural Europeia) realizaram uma pesquisa dos desafios para organizações e profissionais culturais:

A perda temporária de empregos e rendas, devido ao fechamento de espaços de arte, oficinas, ateliês e ao cancelamento de atividades culturais, educacionais, mobilidade internacional, turismo, treinamento e outros serviços programados gerou sérios problemas financeiros. A crise revelou a vulnerabilidade do setor cultural independente e dos artistas *freelancers* e autônomos, trabalhadores culturais e criativos. Atingidos pelo desemprego temporário e impossibilidade de exercer as suas ocupações principais, muitos deles são inelegíveis para os regimes nacionais de segurança social (tradução nossa).

O documento ainda propõe que 7% do fundo de recuperação da União Europeia seja dedicado à cultura e que seja criado o programa Horizon Europe. Dessa forma, serão realizadas pesquisas na área das artes e que participem organizações da sociedade civil e outros grupos de interesse público para conceber o programa.<sup>6</sup>

Na Argentina, segundo o Portal Brasil de Fato:

A cultura foi um dos setores mais afetados pela nova pandemia do coronavírus, com teatros, cinemas, centros culturais fechados e atividades comunitárias impossíveis devido ao necessário isolamento

---

<sup>5</sup> [...] because of the COVID-19 pandemic and the effects it has had on the U.S. economy—46 million unemployment claims as of this past week—artists have had to adapt as many projects have been cancelled or put on hold. A survey by Americans for the Arts, a nonprofit organization based in Washington, D.C., found that 62 percent of artists were fully unemployed, and more than 94 percent had experienced a loss of income from the pandemic.  
<https://news.northeastern.edu/2020/06/24/heres-how-three-artists-are-creating-art-and-surviving-during-the-covid-19-pandemic/> Último acesso em 25/10/2021

<sup>6</sup>  
<https://cultureactioneurope.org/news/covid-19-solidarity-and-emergency-response-in-europe-in-arts-culture-cultural-heritage-and-creative-sectors/> Último acesso em 25/10/2021

social obrigatório. No país, o setor já vinha sofrendo um esvaziamento nos últimos anos no governo Macrista, que foi desmontado pelo Ministério da Cultura. A possibilidade de adaptação à tecnologia é um marco decisivo para a continuidade de cada atividade. [...] Alguns fundos e programas lançados pelo governo buscam fomentar projetos no setor. É o caso, por exemplo, dos Pontos de Cultura, voltados para organizações sociais e projetos comunitários, e do Fundo de Desenvolvimento, auxílio econômico lançado na pandemia para centros culturais. É utilizado, basicamente, para o pagamento de aluguéis, taxas e salários, e aponta para iniciativas autônomas que, impedidas de funcionar, não encontram muitas soluções, nem mesmo na virtualidade. (tradução nossa) <sup>7</sup>

### 3.3 Covid 19 e artistas brasileiros

No Brasil, de certa forma, acreditava-se que o vírus, que estava em propagação pelo mundo, não chegaria aqui. Em “A arte da quarentena para principiantes”, Christian Dunker apresenta a política que estava sendo feita até mesmo antes da pandemia:

“[...] a negação que estava em curso antes da chegada do novo coronavírus ao Brasil envolvia o que Mbembe chama de necropolítica. Ou seja, uma derivação da biopolítica que, sendo capital e potência de produção, pensa a vida como um negócio de administração de populações. Não se trata da aplicação do princípio de preservação da vida, mas da prática de deixar morrer e de negar o

---

<sup>7</sup> La cultura fue uno de los sectores más afectados por la pandemia del nuevo coronavirus, con teatros, cines, centros culturales cerrados y actividades comunitarias imposibilitadas debido al necesario aislamiento social obligatorio. En el país, el sector ya venía sufriendo un vaciamiento en los últimos años bajo el gobierno macrista, que desmontó el Ministerio de Cultura. La posibilidad de adaptación a la tecnología es un marco decisivo para la continuidad de cada actividad. [...] Algunos fondos y programas lanzados por el gobierno buscan fomentar proyectos en el sector. Es el caso, por ejemplo, del Puntos de Cultura, enfocado en organizaciones sociales y proyectos comunitarios, y el Fondo Desarrollar, una ayuda económica lanzada en la pandemia para centros culturales. Este es utilizado, básicamente, para el pago de alquileres, tarifas y salarios, y apunta a iniciativas independientes que, impedidas de funcionar, no encuentran muchas soluciones, tampoco en la virtualidad. Último acceso em 25/10/2021.

processo de extermínio, adoecimento ou desproteção que leva à morte.” (DUNKER, 2020, p. 5)

O governo em vigor no país, desde 2019, já não pensava na continuidade das políticas sociais. Com a pandemia, foi necessário proibir a circulação de pessoas. Mas e quem dependia do fluxo e de aglomerações? Não só o comércio, muitas outras áreas foram afetadas. As pessoas de classe mais baixa não conseguiriam ficar isoladas, porque o dinheiro que chega a suas casas é obtido diariamente. Sem um salário ou uma perspectiva que seja de renda, não há o avanço da economia como tanto se prometia. Se a saúde não é respeitada, não existe produção, nem criação de empregos formais, nem uma economia circular.

“Não é um acaso que no auge da crise, momento das decisões que determinarão nosso futuro próximo, tenhamos voltado a uma discussão sobre o que priorizar: a economia ou a vida. Claro que para manter a vida temos que fazer a economia funcionar e que, por outro lado, sem a proteção da vida o circuito da produção econômica e do consumo fica abalado.” (ibid, p.6)

O enfoque deste trabalho são os artistas, principalmente de Brasília. Para quem se viu sem outros meios de sustento, recorreu-se ao auxílio governamental. As medidas adotadas foram demoradas. Lembremos que o decreto de fechamento dos espaços públicos ocorreu em março de 2020. A lei nº 14.017, mais conhecida como Lei Aldir Blanc, foi sancionada apenas em 29 de junho de 2020. Apenas em outubro a primeira parcela do auxílio para os artistas começou a ser paga. A notícia a seguir foi publicada em 23 de outubro de 2020 no Jornal Metrôpoles:

O primeiro lote das cinco parcelas para a linha 1, para pessoa física, da Lei Aldir Blanc começa a ser pago na próxima segunda-feira (26/10) pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec). A lei é o auxílio emergencial de resposta à pandemia de coronavírus voltado ao setor cultural.<sup>8</sup>

---

8

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/lei-aldir-blanc-artistas-do-df-comecam-a-receber-auxilio-na-segunda-feira>. Último acesso em 13/10/2021.

Em 13 de novembro de 2020, o portal G1<sup>9</sup> publicou o protesto realizado por artistas no Museu Nacional de Brasília. O motivo: o atraso da liberação de editais da Lei Aldir Blanc, por parte do Governo do Distrito Federal.

Com a pandemia, a situação do setor se agravou. Temos profissionais vendendo instrumentos, equipamentos e gente passando extrema necessidade. Chega a ter um requinte de crueldade o GDF não repassar esse recurso. Isso é determinado em lei. Esse recurso tem que ser aplicado.

O descaso com as políticas, com o desenvolvimento e apoio à cultura retoma a discussão relacionada à necropolítica: não só pelo adoecimento físico, como mental. Ficou em evidência a importância da arte nesse momento de incertezas:

[...] acordamos em meio a uma crise global de saúde mental, com elevação de índices de suicídio, medicalização massiva recebida por não psiquiatras e insuficiência de recursos humanos ou equívocos e clínicos para enfrentar o problema. Esse é o custo de desprezar a cultura como instância geradora de mediações de linguagem necessárias para que enfrentemos o sofrimento antes que ele evolua para a formação de sintomas. Esse é o desserviço dos que imaginam que teatro, literatura, cinema e dança são apenas entretenimento ideológico e acessório – como se a ampliação e a diversidade de nossa experiência cultural não fossem essenciais para desenvolver capacidade de escuta e habilidades protetivas em saúde mental. (DUNKER, 2020 p. 32)

---

9

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/13/artistas-protestam-no-museu-nacional-de-brasilia-pela-liberacao-de-verba-do-fundo-de-apoio-a-cultura.ghtml>

Último acesso em 13/10/2021.



## 4. REVISÃO TEÓRICA

### 4.1 A vida digital

Para certas pessoas, a prática é mais fácil. Para mim, a teoria. Transformar as ideias em realidade é um desafio. Recorri a bibliografias para produzir o conteúdo do documentário, para saber qual seria o enfoque dado: “como os artistas estiveram na pandemia de 2020?” e ainda assim ter conceitos para sustentar a argumentação: a globalização, a hiperconectividade e as possibilidades de fazer um documentário durante a pandemia da Covid-19.

Um vírus que não é visível, assim como as ondas que geram a internet, me intrigaram. Ambos percorreram e modificaram o globo. Principalmente em 2020. Com essa metáfora tento exemplificar como foi possível, em meio a uma pandemia, que as pessoas enclausuradas se mantivessem em contato.

É a partir dessa comunicação, possibilitada pelas mídias, que se torna possível uma cultura cosmopolita. O conceito de “cultura das mídias” vai perpassar o documentário.

[A cultura das mídias] Não se confunde nem com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura digital ou cibercultura de outro. É, isto sim, uma cultura intermediária, situada entre ambas. Quer dizer, a cultura digital não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de “cultura de mídias”. (SANTAELLA, 2003, p. 13)

A cultura é global e é assimilada em diferentes lugares por causa dos meios de comunicação, principalmente a internet. A cultura digital, que recebe da cultura das mídias e da cultura de massa, nada mais é que informações em altíssima quantidade. Por exemplo, é possível ter acesso a gêneros de músicas completamente diferentes da região em que se vive através dos canais de *streaming*.

O futuro já chegou e com certeza as inovações vão sofrer constantes mudanças.

A única certeza para o futuro é que ele será bem diferente do que é hoje e que assim será de maneira muito mais rápida do que nunca. A razão disso tudo, quase todos afirmam, está na revolução tecnológica. [...] O que mais impressiona não é tanto a novidade do fenômeno,

mas o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais que elas provocam. (ibid, p.18)

Diversas culturas e realidades estão em contato. E, por mais que eu vivencie a constante revolução digital, foi preciso entender como a globalização influencia a rotina da sociedade e a produção artística. A literatura de Byung Chul-Han possibilitou esse entendimento.

O autor traz o conceito que apareceu pela primeira vez na revista alemã *Der Spiegel*<sup>10</sup> do “turista de camisa havaiana”: “[Os turistas de camisa havaiana] Estes têm uma forma bem diferente de felicidade, uma felicidade que surge da desfactização, da superação da formação em aqui em lugar. [...] Eles habitam um mundo des-mensurado em um hipermercado da cultura, em um hiperespaço de possibilidades.” (HAN, 2019, p.17).

Entramos em uma fase global em que não temos apenas um lugar físico. Há tantas possibilidades de se visitar, de se estar, de se conectar que todos somos, de certa forma, “turistas de camisa havaiana”. Por exemplo: faço uma viagem e conheço pessoas locais, de outras cidades, de outros estados, países, etc. É quase que imediato trocar redes sociais para estarmos em contato. Com a rapidez das notícias e das redes sociais, já sei uma parte da vida dessa pessoa, através das postagens. Vejo locais que gosta de frequentar, o que gosta de fazer, pessoas que se relaciona. Às vezes, me sinto até em contato com o lugar que essa pessoa está.

A cultura arrebenta, por assim dizer, em todas as costuras, em todos limites ou fendas. Fica des-limitada, sem-fronteira, des-costurada em uma hipercultura. [...] O processo de globalização acelera com as novas tecnologias, dis-tanciando o espaço cultural. A proximidade que surge nesse processo produz uma plenitude, um fundo de práticas de vidas e formas de se expressar culturais. O processo de globalização atua de modo acumulativo e condensador. Conteúdos culturais heterogêneos apinham-se em uma justaposição. Espaços culturais se sobrepõem e se atravessam. A deslimitação é válida também para o tempo. Na justaposição do diferente, não apenas diferentes lugares, mas também espaços de tempo diversos ficam dis-tanciados. [...] As culturas estão se implodindo, ou seja, estão se dis-tanciando em hipercultura. (ibid, p.23-24)

---

<sup>10</sup> *Der Spiegel*, 44/2000

O distanciamento de um único local parece inevitável: “A conexão do mundo, cada vez maior, produz uma abundância, uma superabundância de relações e possibilidades. [...] (ibid, p. 29-30). Isso também caracteriza uma pandemia: o fator global. A possibilidade de produzir e fazer entrevistas dentro de casa, durante um decreto de isolamento, deve-se à hiperculturalidade, ao fato de que somos turistas hiperculturais: “O turista hipercultural *já é consigo em casa* um turista. Já está ao estar aqui.” (ibid, p.31). É possível conversar com quem está a dois mil, sete mil, dez mil quilômetros de distância.

É interessante pensar que dentro das diferenças da cultura e desse hibridismo que Chul Han aponta, há um encontro através de fatores comuns. Conhecer pessoas de todo o mundo e se comunicar através de um signo em comum que, muitas vezes, é o idioma, nos faz perceber que somos “turista de camisa havaiana”. Em *Remotus*, o uso da língua castelhana (espanhol) e inglesa, de uma pessoa que tem o português como língua-mãe, permitiu a realização de quatro entrevistas. Uma língua comum é a ponte: “The bridge gathers as a passage that crosses”<sup>11</sup> (HEIDEGGER, 1954, apud HAN, 2019, p.42)

#### **4.2 O outro lado da moeda: *fake news***

A produção deste documentário foi extremamente agradável. Bater um papo com pessoas que possuem a expertise artística trouxe certa romantização ao falar sobre a hiperconexão. Do lado de fora do meu quarto, lugar em que realizava as entrevistas, o mundo se banhava em contradições, em amontoados de informações inverídicas que chegavam - e chegam - instantaneamente. As *fake news*, ou notícias falsas, em bom português, são recebidas e, na maioria das vezes, são repassadas sem nenhuma checagem de fatos, fontes e datas. Elas também se alinham a um outro conceito denominado pós-verdade, termo escolhido como palavra do ano em 2016 pelo Dicionário Oxford - ano que ingressei na UnB.

A pós-verdade ultrapassa a linha de uma veracidade, elaborada a partir de estudos, investigações, análises, e coloca acima disso crenças, sentimentos, opiniões pessoais. A relação com as *fake news* é evidente:

O que muda atualmente são os diversos interesses, a forma, os meios, a velocidade e a abrangência. Trata-se de um assunto emergente, tendo em vista a sua propagação por sujeitos

---

<sup>11</sup> A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.

mal-intencionados, com a finalidade de tumultuar os debates e as informações que são disparadas na esfera pública digital. Como podemos observar, a disseminação das fake news tem repercussões desastrosas, podendo determinar os resultados de eleições ou em período pandêmico, modificar as rotinas e comportamentos dos sujeitos relacionados à saúde. (HABOWSKI & CONTE, 2020, p. 1467)

A *internet* possibilita a comunicação e trocas tanto em aspectos positivos como negativos. Nas redes sociais - *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, dentre outras - são criadas “bolhas”, que permitem o compartilhamento, principalmente, com quem se tem afinidade. Durante a pandemia de Covid-19, formou-se a cadeia de informações “alternativas”, paralelas às que eram divulgadas por fontes oficiais.

[...] nos últimos anos acelerou-se a desconfiança nas orientações dos profissionais da saúde, nos cientistas, nos governos e nas mídias tradicionais. Neste contexto de discussão, as redes sociais funcionam como um ambiente favorável de grupos organizados que embotam incomunicabilidades, medos, agonias e a indiferença humana [...]. (ibid, p. 1472)

Apesar de sempre ter existido, agora esse fator se torna mais perigoso. Eleições, medidas sanitárias, questões ambientais e o próprio combate ao Coronavírus foram afetados pelas notícias falsas. Ainda não se sabe como acabar com este problema, entretanto, acredita-se que muitas mudanças precisam acontecer: transformações de base como a melhora da qualidade da educação, a transparência de órgãos que prestam serviços à população, incentivos a debates sobre diversos tópicos - políticos, sociais, civis - e ações voltadas ao enfrentamento das *fake news*.

O que se recomenda atualmente e é a forma como podemos diminuir a propagação da desinformação é pesquisar em *sites* confiáveis, prestar atenção qual é a intenção de quem escreveu a notícia, datas de publicação. Lembre-se: só é liberdade de expressão quando o outro não sofre violência, isso já é discurso de ódio.

#### **4.3 A arte em tempos de conectividade**

Tanto Lúcia Santaella como Byung Chul-Han, ao analisarem a globalização e as relações trazidas pela conectividade, trazem também uma reflexão sobre a arte:

Em tempos de mutação, há que ficar perto dos artistas. Pelo simples fato de que, parafraseando Lacan, eles sabem sem saber que sabem. Semelhante a este, há um dictum de Goethe que vale a pena mencionar: [...] “É, de fato, uma espécie de teoria não verbal e poética que os artistas criam na sua aproximação sensível dos enigmas do real.” Por isso, sou movida pela convicção de que, [...], temos de prestar atenção no que os artistas estão fazendo. Pressinto que são eles que estão criando uma nova imagem do ser humano no vórtice de suas atuais transformações. São os artistas que têm nos colocado frente a frente com a face humana das tecnologias. (SANTAELLA, 2003, p.27)

Agora, especialmente, a troca de informações proporciona novas formas de interação nos diversos setores da sociedade. A revolução tecnológica faz parte da revolução econômica, social e também cultural. As fronteiras estão diluídas com a possibilidade de interação via internet e telecomunicações.

[A tecnologia] É um ingrediente sem o qual a cultura contemporânea - trabalho, arte, ciência e educação - na verdade, toda a gama de interações sociais, é impensável. (ARONOWITZ, 1995, apud SANTAELLA, 2003, p. 26).

Em 2003, Lúcia Santaella antevia o quão forte seria o poder da internet. Hoje em dia, há a possibilidade de reivindicação de direitos, ideais, de possuir uma vida digital.

“[...] será uma espécie de céu aberto para uma multiplicidade de atividade interativas que não existiram no passado. Particularmente, a abertura congênita das redes e o que nelas sempre restará de caótico permite que uma pletera de vozes seja ouvida pelo mundo por um custo mínimo. Isso dá às redes uma constituição comunicativamente revolucionária da qual um número incontável de organizações culturais, artísticas, políticas e sociais está tirando vantagem e sem a

qual essas organizações estariam marginalizadas ou silenciadas.”  
(ibid, p.75)

Essa hiperculturalidade possibilita uma nova criação do conhecimento, da produção de cultura a partir de locais decoloniais. Entrevistas com artistas autorais de Brasília, capital do Brasil. Conversa com artistas de Buenos Aires, irmãos da América do Sul. Com um músico alemão, filho de pais peruanos. Referências trazidas pela cultura negra, em Washington D.C ou em Angola: Rap, beat box, Hip Hop, kuduro, música eletrônica. São infinitas as possibilidades, porque a arte é plural. E é necessário conhecer espaços que foram apagados da história, constantemente inviabilizados: “[A hipercultura] não é um lugar de “negociação”, mas de transformação e mistura.” (HAN, 2019, p.53)

A desintegração do horizonte estabelece uma justaposição hipercultural de formas diversas de crença a partir da qual se reconstrói uma religião própria. [...] A arte também se movimenta de modo ativo no fundo hipercultural de formas de expressão e recursos estilísticos. (ibid, p. 95)

A importância das redes se torna mais forte durante uma pandemia e por ter permitido que os artistas, por não poderem estar fisicamente em suas ocupações, usassem as plataformas digitais para se reinventarem, para compartilhar experiências, trabalhos e diversas outras coisas. É possível assim ter informações e contatos instantâneos com qualquer pessoa ao redor do mundo. Na verdade, as possibilidades trazidas pela internet são infinitas.

Para esses artistas, o advento de meios eletrônicos que permitiam a comunicação instantânea, a ubiquidade a troca e interação em suportes imateriais, se constituiu em uma munição inestimável valor para suas aspirações de criação de obras intercambiantes e mutantes, abertas na direção de uma cultura planetária. (SANTAELLA, 2003, p.168)

A situação de pandemia e isolamento social foi repentina. Os artistas precisaram se adaptar, criar soluções de uma “hora para outra”. Ajustando-se à nova realidade, a pintura renasceu no ambiente virtual; músicas foram gravadas em cômodos de casa e produzidas à

distância; peças ensaiadas e apresentadas remotamente; shows da varanda de casa para os vizinhos; as lives permitiram alcançar diversos lugares do planeta. Porém, indaga-se se as inovações possibilitadas pela pandemia irão ficar no dia a dia dos artistas.

A arte é expressão do homem e, aliada à hiperconexão, ela também evolui. O suporte trazido pelas tecnologias, que já antes da pandemia abraçavam as artes contemporâneas, permitiram um maior alcance, interação, trocas de técnicas artísticas e entre artistas, mais trocas culturais e de influências, de afirmação de identidades.

Quanto mais nos expomos à arte de hoje, mais perplexos e incertos nos tornamos em relação àquilo que permite que algo seja considerado arte. Não há quaisquer materiais particulares que gozem do privilégio de serem reconhecidos como arte. A arte recente tem usado não apenas pintura a óleo, metal e pedra, mas também ar, brisa, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Não há técnicas ou métodos de trabalho que possam garantir a aceitação do resultado final como arte. Junto com a pintura, a fotografia também coexiste com o vídeo, com as instalações e com tipos variados de atividades como dar passeios, apertar as mãos, vender picolés, cultivar plantas, etc. (Archer, 1997 apud Santaella, p. 325-326)

Em tempos de incertezas, como foi na pandemia, repensou-se a história, a ciência, a política, a economia, a sociedade, a comunicação e sobretudo a arte.

#### **4.4 O documentário sobre artistas como a arte em si**

A área da comunicação é diversa. Está em constante mudança e evolução. Como em uma retroalimentação, o jornalismo participa deste cenário. Documentários em horários fixos em canais exclusivos de notícias, maior interação com as redes sociais, maior experimentação de linguagens e formatos: há uma revolução em curso. É impossível imaginar o isolamento social, exigido durante a pandemia, sem a tecnologia. A produção audiovisual caminha lado a lado das novas invenções que surgem quase diariamente.

Do mesmo modo, criar um documentário também é um fazer artístico: “O documentário é *arte* e não mera *atualidade*. As *atualidades* tomadas pela câmera são transformadas em *realidade* quando flexionadas pela arte [...] O nome contemporâneo da

forma narrativa “atualidades” é reportagem.” (Ramos, 2008, p. 57-58). Em um período extremamente angustiante - o primeiro ano da pandemia da Covid-19 -, mostrar sentimentos e compartilhar experiências era imperativo. Os jornais, devido à qualidade de objetividade, trazem números, dados que não se conectam à empatia requisitada. Fatos distanciam e não geram identificação. Era preciso trazer emoção, mostrar que outras pessoas estavam passando pelo mesmo e assim poderíamos nos unir: “[...] os documentários não são feitos para entreter como um filme ficcional, mas para estabelecer asserções sobre o mundo.” (ibid, p. 10). Foi a forma encontrada para registrar uma parte de 2020. E, como *tudo* - mesmo sendo extremamente assustador usar esse termo -, *nada* é completamente imparcial.

“Vivemos em um mundo midiático, em que tanto o cinema quanto os diversos meios audiovisuais fazem parte do cotidiano de vida e tornam-se ferramentas essenciais para contarmos a história de nossa cultura. Cada vez mais, registros históricos, práticas culturais, festividades, pessoas públicas e anônimas têm suas imagens e sons fornecidos pelos meios audiovisuais. (AMÉRICO & VILLELA, p. 243, 2013)<sup>12</sup>

Segundo o autor Fernão Pessoa Ramos, o documentário possibilita a “expressão do viés autoral” (ibid, p. 58), sendo que as linhas editoriais de canais de notícias e jornais prezam pela reportagem.

Com a possibilidade de conversar com amigos, conhecidos de Brasília e de outras partes do mundo - Buenos Aires, Angola, Washington D.C e Berlim-, e também gravar, o sonho em produzir um documentário estava cada vez mais perto. As tecnologias avançam e trazem mais autonomia para passearmos por diversas áreas da comunicação. Como diz Lucia Santaella:

Cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Com isso, uma sociedade de distribuição piramidal (cultura de massas) começou a sofrer concorrência com uma sociedade reticular de integração em tempo real. Isso significa que estamos entrando numa terceira era midiática, a cibercultura. (ibid, p. 82)

---

<sup>12</sup> CIRCUITO COMUNICACIONAL: O CINEMA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA SOCIAL\*



Durante a pandemia, ficou ainda mais forte o poder das mídias digitais. O formato de conversas *onlines* ganhou espaço. Explorar o depoimento dos “profissionais da aglomeração” foi uma forma de mostrar as subjetividades dessas pessoas e a rotina sem o público presencial. O diálogo com apenas alguns artistas e a limitação de um círculo de amizades trazia insegurança. Porém, o audiovisual também possibilita a identificação, então me perguntava: “Será que outros artistas mundo afora também poderão se sentir contemplados?”. Acredito que sim:

Assistir a um filme, segundo França (2007), é estar sujeito à ocorrência de identificações com personagens, colocando-se no lugar daquele que aparece na tela e, desse modo, ainda no plano consciente, passando a assistir às suas aventuras como se fosse o protagonista. Desse lugar, o espectador pode angariar os aprendizados conquistados pela personagem da história. Essa posição traz uma maneira segura de experienciar de forma indireta os percalços e glórias de um outro. Através das identificações estabelecidas ao assistir a um filme, o espectador é capaz de uma espécie de interpolação, de introjeção das experiências das personagens com as quais se identifica (França, 2007). Essa vivência, bem como conhecimentos das experiências do outro gerados pela sétima arte, sugere um olhar para si próprio, revelando conteúdos internos ainda não percebidos. (CATHARIN; BOCCHI; CAMPOS, 2017, p. 150)

Dessa forma, *Remotus* é metalinguagem: um documentário sobre artistas como a arte em si.

[...] Persistem no filme documentário os elementos do perfil de uma obra de arte: a imaginação, a criatividade, a subjetividade e o exercício de uma visão de mundo particular, resultado da inspiração do autor. No entanto, todos estes elementos estarão voltados agora para uma matriz discursiva comprometida com critérios de validade para a vinculação de informações sobre o mundo histórico. (CÂMARA & LESSA, 2013, p. 57)

Observa-se o crescimento da procura por documentários no Brasil. Para o autor, Amir Labak, em “Introdução ao Documentário” (2006), os novos meios digitais têm possibilitado o aumento de produções e também da procura do público. Assim, em uma pandemia, esse suporte permitiu que mais lugares sejam alcançados, mais pessoas consumam esse conteúdo, que haja mais trocas de técnicas artísticas; mais trocas culturais e de influências; de afirmação de identidades; de difusão da sua própria cultura e realidade. O mundo diminui com as trocas possíveis na internet. O documentário é um caminho.

Não é necessário achar belo ou concordar com o conteúdo assistido: “[...] a noção de belo não pode ser sumariamente considerada como algo inato, pois ela muda não só com o tempo, mas também a depender da localidade.” (CÂMARA & LESSA, 2013, p. 31) Até porque, da forma como se apresenta *Remotus*, os próprios artistas mostram suas experiências durante a pandemia, sem eles não haveria o conteúdo.

## 5. MEMÓRIA

### 5.1 O começo

Eu já tinha em mente que queria fazer uma produção fílmica, antes mesmo de ter um assunto para o trabalho de conclusão de curso. Produzir um documentário me tiraria da zona de conforto, por isso, escolhi fazer um produto. No semestre em que ingressei, em julho de 2016, na Universidade de Brasília, o jornalismo se separou das outras habilitações da Comunicação Social; virou um curso na Faculdade de Comunicação. O novo currículo formulado quase não tinha matérias para conhecer e estudar audiovisual. Na reta final da graduação, optei por pegar algumas matérias deste campo como módulo livre. Mas o aprendizado adquirido não possibilitaria a criação de um documentário sem ajuda.

No segundo semestre 2019, comecei a pensar realmente sobre o assunto do potencial documentário: *festivais de música em Brasília*. Esse era o tema. A escolha se deu pela trajetória em fotografar bandas autorais da cidade desde 2017. O que era para ser um projeto da matéria de fotojornalismo, tornou-se uma paixão. Era muito interessante ir em festivais ao ar livre que aconteciam aos fins de semana, conhecer músicas que não eram *mainstream* e ver que no quadrado tinha muita coisa de qualidade sendo produzida. Assim, transcorreram dezenas de shows ao longo dos anos. Entretanto, o documentário, que começaria a ser produzido em 2020, teve uma pandemia como obstáculo. Os 15 dias iniciais se estenderam por muito mais tempo. Os festivais foram desmarcados e sem data de previsão. A saída foi pensar em um novo assunto, dentro dessa temática, já que a música, o cinema e a fotografia estavam tão inseridos em minha personalidade.

Entender que teria que me adaptar à nova realidade trazida pela Covid-19 foi caótico. Não tivemos o primeiro semestre de 2020 na UnB e isso me permitiu pensar no que realmente queria contar neste projeto. As informações sobre os casos e a realidade foram acompanhadas em tempo real. Não havia vasta quantidade de livros nem de documentários. Mas, na comunicação, como sabemos, o conhecimento do outro também é importante. Resolvi, então, fazer entrevistas com artistas, os quais conhecia pelo circuito da música de Brasília. Depois, comecei a pensar em artistas de diferentes áreas. Contactei-os pelo Instagram e marcamos as datas para nos encontrarmos virtualmente. Todas as conversas aconteceram em 2020, no período de agosto a dezembro, através da plataforma Zoom. O único enquadramento possível era o da câmera ou do computador ou do celular.

Seguindo a definição jornalística de entrevistas, foram realizadas entrevistas de gênero individual e opinativa. A entrevista individual é marcada com antecedência pelo entrevistador apenas com uma fonte e um breve resumo do assunto abordado é passado ao entrevistado. A opinativa se baseia na experiência e conhecimento do entrevistado no assunto. Dessa forma, o documentário foi construído a partir da percepção das pessoas ouvidas durante a pandemia da Covid-19.

A entrevista não está submetida à exposição e tratamento de determinado assunto, à confirmação, ou não, de uma hipótese já previamente levantada, mas possui um fim em si mesma. A entrevista não serve aos propósitos de uma ação dramática. A cada nova entrevista instala-se uma nova situação, novos personagens entram em cena para contar novas histórias. (SOARES, 2007, p. 142)

O primeiro entrevistado foi Paulo Veríssimo, músico de Brasília, em 10 de agosto de 2020. Duração da entrevista: 19 minutos e 13 segundos.

E sucederam:

Iano Fazio, ator e músico de Brasília, em 12 de agosto de 2020. Duração da entrevista 59 minutos e 14 segundos.

Kalaf Epalanga, músico e escritor, nascido em Luanda, mas reside em Lisboa, em 12 de agosto de 2020. Duração da entrevista: 1 hora, 16 minutos e 25 segundos.

Christylez Bacon, músico e produtor de Washington D.C., em 21 de agosto de 2020. Duração da entrevista 56 minutos.

Thaís Mallon, fotógrafa e produtora audiovisual de Brasília, em 1 de setembro de 2020. Duração da entrevista: 42 minutos e 10 segundos.

Tato Germano, arquiteto e músico de Buenos Aires, em 10 de setembro de 2020. Duração da entrevista: 30 minutos e 48 segundos.

Kai Mayu, músico de Berlim, em 15 de setembro de 2020. Duração da entrevista: 18 minutos e 10 segundos.

Mili Pochat, artista plástica de Buenos Aires, em 16 de setembro de 2020. Duração da entrevista: 51 minutos e 31 segundos.

Renata Melo, doutora em História, na área de História Cultural, Memórias e Identidades, em 12 de dezembro de 2020. Duração da entrevista: 58 minutos e 35 segundos.

Thiago Bezerra, músico e professor de canto de Brasília, em 14 de dezembro de 2020. Duração da entrevista: 49 minutos e 21 segundos.

Isadora Pina, musicista de Brasília, em 15 de dezembro de 2020. Duração da entrevista: 59 minutos e 21 segundos.

Nathalia Marques, musicista de Brasília, em 18 de dezembro de 2020. Duração da entrevista: 45 minutos e 23 segundos

Cirilo Quartim, artista plástico de Brasília, em 18 de dezembro de 2020. Duração da entrevista: 56 minutos e 27 segundos.

As entrevistas foram longas: mais conteúdo e mais perguntas ajudariam a criar um documentário interessante e com mais opções para delimitar o que seria contado. Tudo foi falado com muita sinceridade, sem ensaios. Buscou-se extrair o que os artistas estavam sentindo com toda a situação. Não havia perguntas definidas, era uma conversa informal que eu ia conduzindo para saber como eles estavam nesse período. A única pergunta previamente pensada foi: “O que a arte significa para você?”.

Com as entrevistas finalizadas era preciso avançar e, assim, começar o roteiro. E, para isso, preciso saber o que os entrevistados falaram, o conteúdo em comum que pode ser o fio condutor da história. Então, foi preciso transcrever - um trabalho lento, árduo, que requer muita atenção. Porém, a demora nesse processo se deu justamente por as entrevistas serem longas. Consegui, mas não sozinha. Tive ajuda do Gui Monteiro, um incrível produtor, roteirista e amigo que prontamente aceitou o convite para participar da criação de *Remotus* e que teve também que transcrever algumas entrevistas.

Em documentários que se utilizam de entrevistas como recurso para a condução do tema, a transcrição destas no papel é método sempre aconselhável. [...] Tendo recortado os trechos mais interessantes, da cópia das transcrições originais, o documentarista pode então reorganizar esse novo material pensando já em uma estrutura para o filme. Esse método seria o primeiro passo para se pensar um roteiro de edição, roteiro esse que seria baseado na estrutura estabelecida pela ordenação dos trechos selecionados das entrevistas. (SOARES, 2007, p. 189)

Já havia alguns rascunhos de roteiros. Mas, apenas após a finalização das transcrições e a criação de um documento compartilhado via Google Drive com o Gui, foi possível iniciar a escrita do roteiro. O que eu tinha em mente era abordar a questão financeira, os sentimentos relacionados ao confinamento, a falta de trabalho e, por fim, falar como a arte é necessária na vida de todos. Optou-se por não haver a narração em voz *over*; a história seria contada pelos próprios artistas.

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. (ibid, p. 21)

O roteiro, então, foi finalizado.

## 5.2 Roteiro

### REMOTUS

**Escrito por Natália Fachine Gui Monteiro**

*Introdução:*

- A China identificou a causa deste novo e misterioso vírus.
- Pelo menos 44 pessoas foram infectadas por um vírus desconhecido em Wuhan, na China.
- As investigações epidemiológicas já começaram..
- A Covid-19 pode ser considerada uma pandemia..
- 

Insert: Imagens de drone de Brasília

### **Thaís Mallon**

Eu acho que racionalmente foi rápido pra eu me ligar que ia ser uma parada demorada, mas eu acho que a impressão que eu tenho é que mesmo racionalmente a gente entendendo logo que nao ia ser uma coisa rápida eu acho que emocionalmente talvez num processo menos racional a gente demorou para absorver isso.

### **Iano Fazio**

Ia ser o ano em que eu mais me apresentar na minha vida e vai ser um dos anos que eu menos me apresentei na vida.

Insert: Imagens de drone de Buenos Aires

### **Tato Germano**

Al principio todos pensaban que iba a durar dos meses. [...] Una cosa de quince días y dijeron "bueno", todos se quedaran tranquilos al principio. Empezó a extender a extender, como ya pensamos en dos meses que parecía mucho y ajá estaba como cinco, seis y falta..

Insert: Rodoviária de Brasília, Eixão do Lazer em Brasília, Museu Nacional de Brasília externa e interna.

### **Cirilo Quartim**

Em dezembro, antes da pandemia, eu tava participando de uma exposição super grande no museu da república sobre arte e tecnologia, então tinha objetos que eu trouxe pra galeria, a galeria super bem visitada, a galeria do museu, e aí eu viajei para as férias.

Insert: Bloco de carnaval Divinas Tetas e show do grupo Patubatê.

### **Isadora Pina**

O carnaval aconteceu, normal. Quando o show do Divinas aconteceu, já tava: "Ah, tem uma pandemia lá..."

### **Thiago Bezerra**

E a gente sempre fica com aquela coisa: "mas tá muito longe não vai acontecer", porém existe aquele medo de "bom, gente. Se tiver uma pandemia, o primeiro setor a demorar para se recuperar é o nosso."

Insert: Imagens da UnB

### **Cirilo Quartim**

Quando voltei, fui começar a dar aula no comecinho assim, 3 dias, 10 dias, não chegou a completar duas semanas, parou tudo.



*SUPER:REMOTUS*

Insert: Washington D.C

Insert: Show do Chris em Washington.

**Christylez Bacon:**

Like I'm from a city [00:10:01]  
Washington DC. We have a style of  
music called GoGo and our music is  
all based on, on like working with  
the people.

**Kai Mayu**

The beginning was quite strange, of  
course because it was a really new  
situation and you didn't quite know  
how to handle it as well what to  
expect what plans to make, yeah how  
to change [00:06:02] your your way  
of work.

**Isadora Pina**

Cara, eu tava otimista, ou não  
querendo ver as coisas, porque eu  
não tinha outra opção a não ser  
estar otimista, porque eu saí do  
meu trabalho esse ano, eu era  
sargento do exército e aí eu saí no  
final de fevereiro, ano passado eu  
já tinha em mente que eu ia sair,  
que esse era o meu último ano e eu  
ia sair para focar em música,  
trampar com música, fazer música,  
fazer meu projeto.

### **Kai Mayu**

We had a lot of gigs planned actually and some festivals as well. And yeah it all fell apart aswell. None of it happens that was really sad for us. And yeah, I think that was the main thing that really fell apart there.

### **Thaís Mallon**

eu tinha muitos projetos que eu tava envolvida, de FAC, de projetos culturais que estão todos estacionados agora. É, tanto edital de videoclipe, ou de CD que eu faria foto de divulgação... A festivais de música, o CoMA.. Eu trabalho no CoMA desde a primeira edição. Um dos vários que a gente, que enfim, não aconteceram, né? É a produção que tá parada e a grana que não entra, né?

### **Renata Melo**

Tinha uma discussão de como a arte também envolve a questão econômica, de como a arte, ela é... pode ser comercializada, mas tem um outro fundo. Parece até de cunho filosófico de discutir como trabalhar com a arte, como valorizar, como não pegar essa questão de sobrevivência de quem vive pela arte. Essa [00:46:03]

visão romântica: "Ai, a gente respira a arte, aquela ideia renascentista, sei lá... De que vocês tem... "Ah, eu vou escrever..." Aí você espera uma luz e aí eu vou pintar agora e vai sair uma obra de arte. Cara, isso não é verdade.

#### **Iano Fazio**

É foda... Porque quem trabalha com a arte, trabalha com aglomerações, né? Até num set de filmagem de cinema, que é uma parada que não tem público, mas tem muitas pessoas envolvidas... Então é uma aglomeração também, né?

Insert: Imagens de uma pessoa desenhando, luzes de teatro, palco, pessoas aplaudindo

Artes plásticas, a literatura, talvez tenham momentos mais solitários. Mas na música, no teatro, na dança precisa de contato, de gente, de troca, de contato.

#### **Cirilo Quartim**

Ainda tava com essa pulsação de começar o ano artístico que eu tinha acabado de fazer uma exposição grande e o que eu vou fazer esse ano, mas já tinha feito essa exposição que era galerística,

era uma coisa. Aí eu tive que... eu tava pensando já em fazer coisas de intervenção urbana, que é a minha linguagem que eu tenho aprontado mais dinheiro em árvore, tem obras de interferência na arquitetura da cidade, algumas já, que eu ganhei até prêmios, mas eu tava pensando nisso, em concorrer em editais e tal e isso me pegou de surpresa

**Paulo Veríssimo**

Acho que ninguém tá normal, assim. Ninguém tá bem emocionalmente... Porque é um negócio muito estranho, né?

**Thaís Mallon**

Eu acho que entender racionalmente que ia ser um processo longo não gerou em mim de falar: "Caralho essa coisa vai durar pra caralho. Vai dar tempo de ficar desesperador, de ser muito difícil por causa de grana, de trampo, da cabeça, de saudade, de conviver. É um mundo de... Falta de perspectiva, né?

**Thiago Bezerra**

Nossa se eu soubesse que aqueles dois últimos shows... Nossa você teria feito tanta coisa, mas tanta

coisa... eu não teria reclamado metade das coisas que eu reclamei.

**Paulo Veríssimo**

Cara é se adaptar, né? Acho que a palavra é essa: adaptar-se.

**Mili Pochat**

Trabajo en una escuela de arte, soy la directora de la escuela municipal pública. Tiene... Somos como 350 personas y están separadas en distintas caderas de artes, teatro, danzas, pinturas. Y bueno tuvimos que apartar todo, toda la escuela de arte, a formar todo virtual, en la computadora, en zoom, lo cual era difícil porque todo. En un primer momento no podíamos salir para comprar los materiales. Pintamos con servilleta. El tema "educación virtual" fue toda una question muy polémica, muy crítica porque tuvo negligencias, por manifesto. Todos los sectores, todas las cosas que estaban pasando en las escuelas que bueno, muy difícil de hacerlo y nadie estaba... Tenían las herramientas para... O poquitas herramientas para poder pasar. Ese fue un momento muy difícil.

Insert: Música solidária

### **Nathalia Marques**

Teve um evento chamado música solidária, eram serenatas. A gente tocava em algumas Quadras da Asa Norte, naquela... Como se fosse a praça central, né? Que tem sempre entre as quadras assim... de [00:09:03] modo que o pessoal que mora nos prédios conseguisse assistir, né? E aí, cada um na sua casa na sua janela assistindo com segurança e a gente, porque era ao ar livre também, né, de uma maneira mais segura para os músicos também. Chega deu um alívio assim, porque você escuta aplausos, você escuta pessoas, né? Assim, é aquele feedback do palco, sabe? Só que na rua.

### **Kalaf Epalanga**

A vida de escritório geralmente não pára independentemente de haver ou não... Muito por ter parado, mas continua a ser imprimido, histórias continuam a ser [00:50:44] publicadas. E o que aconteceu foi que eu me descompassei. Eu acho que o mundo todo se descompassou. Porque você está numa engrenagem rítmica, né? Acorda de manhã, leva os meninos na escola, tem a manhã e o meio da tarde para a tua parada,

vai pegar o menino na escola, cozinha. Então essa rotina quebrou e nos últimos cinco meses, eu tava buscando o ritmo e também a própria ansiedade da época que essa situação criou nas pessoas, né? Eu tenho que estar bem para escrever. Estar emocionalmente preparado para imaginar um mundo melhor, né? Para imaginar uma, um raio de esperança.

#### **Paulo Veríssimo**

Escrevi mais, comecei a compor mais. Acho que a parada é essa... Igual eu falei, coisas no geral, a galera da música que eu falei... Eu não tinha tempo pra compor, né? Acabou que a pandemia veio e com isso... Pô, pra escrever você tem que viver, né? E viver uma porra dessa é um bom tema, né? Eu já tenho praticamente um novo EP pronto.

#### **Kalaf Epalanga**

Eu acho que essa pandemia, de certa forma, me colocou nesse lugar que eu não gosto de estar. Eu faço um esforço físico terrível para conseguir dar respostas.

#### **Christylez Bacon**

I just released a new song on August 5th the same they have finished reading the whole Bible

and it was released on NPR National Public Radio. So it's a big deal. And and so what happened with that is I had to produce everything from beginning to end. So, you know composing the music I'm playing on it has bass, blues, all that stuff Keys guitar beatbox and then mixing and mastering it because I used to be a recording engineer like many like a long time ago. [00:21:02] And so all that I had to be by myself. And so if you listen to that song, it's actually called quarantine.

Insert: nova música do Chris, "Quarantine".

#### **Tato Germano**

Ah, yo estaba haciendo grabaciones de mi nuevo disco, de canciones nuevas. Pero no nos podremos juntar, entonces, cada uno dentro de la casa.

#### **Kai Mayu**

Yeah, we just for example, I have a friend. He just told me a sent me a guitar Loop and I'll do a beat over it. And then he sent it back to me and I saying honored the nothing back except send it back to him and then he finished it and then



suddenly we had a finished song and released it. It was fun.

**Paulo Veríssimo**

É o que tem, né? A gente tá num momento que a gente tem que fazer o que é possível, né?

**Cirilo Quartim**

Eu tenho uma origem artística que é da pintura, desde pequeno eu me interessei por desenho, essa parte da linguagem mais tradicionais, com tempo é que isso acabou... meu trabalho não cabendo na tela, ganhou outras manifestações fora da tela. Mas eu pensei: "pô, esse é o momento, se tá todo mundo em casa, refazer o ateliê - desvia da câmera e mostra o ateliê - esse inclusive é o meu espaço de criação aqui, esse corredor que eu tô te mostrando. Um dia eu vou montar esse ateliê e vou voltar a pintar, quando eu tiver mais tempo. É uma coisa muito... você tem que estar com calma, você não pode segurar o pincel e daqui a pouco ter que fazer outra coisa, você tem que aproveitar aquela bagunça, aquela cozinha da pintura ela requer um tempo expandido. Foi o que a pandemia acabou proporcionando, a

gente dilatar esse tempo, o dia durava mais horas, parecia, né?.

Insert: Imagens que o Cirilo enviou das produções e da sua galeria.

#### **Isadora Pina**

Então eu saí de lá com vários planos, lançar minha primeira música, já planejando show, tirando repertório. Eu toco há 13 anos e nunca fiz um projeto meu, sempre toquei pros outro. Então senti que agora era a hora, precisava desse projeto pra me reaproximar da música e aí como eu não sabia que ia ter pandemia ainda, a ideia era usar um pouco desse dinheiro que eu juntei para me ajudar até um certo ponto.

#### **Thaís Mallon**

Tipo, mano, a gente que é da cultura, a gente tá muito mais desamparado do que nunca, porque a gente tá no meio de uma pandemia, de um governo que fechou o ministério da cultura. Além disso, a gente tá passando por uma pandemia que impede a gente de fazer das várias produções que estava habituada e no meio desse cenário, a gente tá em casa fazendo o que? Consumindo arte e cultura mais do que nunca!

**Isadora Pina**

Foi difícil aceitar isso um pouco, sabe? "cara tem esse dinheiro aqui que era pra outra coisa, sabe? Não era pra estar pagando conta com esse dinheiro.

**Nathalia Marques**

Essa constante luta, né, digamos assim, você tem que explicar que é necessário, que tem que ter, que é um trabalho, sim, ser músico, ser artistas é trabalhar também. E é um trabalho que tem o seu significado na sociedade também, entendeu?

**Renata Melo**

Em alguns momentos de CRISE governamental, ela é colocada como um acessório, ela não é levada a sério, ela não é levada a sério, no sentido que ela é terapêutica, a arte... a forma... ela se coloca como terapia para as pessoas, ela é um alívio para as doenças mentais, pras doenças da sociedade.

**Thaís Mallon**

Ao mesmo tempo que a gente tá se sentindo muito desamparado politicamente, financeiramente e tudo mais nesse período, é um período que a gente tem sido

extremamente consumido. Isso precisa ser foco, né, pra galera entender que num é supérfluo, é uma parte constituinte da gente, né?

#### **Cirilo Quartim**

Você vive arte, você sente arte, você tem arte dentro de você, porque você consegue sentir ela no mundo, partindo desse pressuposto que todo ser humano tem arte dentro, eu tenho muito campo, muita coisa para fazer, então isso me dá esperança. Quando eu penso em arte, eu penso no poder do ser humano, do que a gente é capaz.

#### **Mili Pochat**

Y para mi bueno el arte nos atraviesa a todos seres humanos en algún momento, cuando hablamos, todos tenemos una experiencia con el arte, todos hemos escuchado una canción que nos emocionara, ahora he visto una película que me ha pasado algo, entonces para mi este momento en la pandemia nos muestra esa importancia que tiene, para todos, seamos los que creamos, como los artistas y los que consumimos, el público.

#### **Christylez Bacon**

I feel like the Arts are responsible for keeping a lot of people's sanity together. You could read books, like it is it could be really soothing, you could put you could you could travel to another world here about like reading or about watching and I feel like it's so important and without it. I don't know. I think a lot of people would have been like crazy.

#### **Paulo Veríssimo**

Uma das coisas boas disso tudo foi a arte teve um valor enorme. Imagina sem nossas lives, filmes. Imagina se não existisse Netflix, se não existisse spotify, as pessoas iam estar se matando.

#### **Nathalia Marques**

Porque esse momento eu acho que foi o que mais deu para ver claramente que a gente precisa dessa parte e como, sabe? É uma necessidade. Tipo ninguém conseguiria... Eu duvido muito que o pessoal teria conseguido chegar até aqui, depois dessa loucura toda desse ano, sem ouvir música, sem ver um filme...

### **Iano Fazio**

Normalmente, mesmo sem pandemia já precisa... É algo que te move, né. Com a pandemia só deixa mais claro isso.

### **Renata Melo**

A arte significa vida. Significa respiro, significa prazer, significa aconchego. Como você mesma falou no início, né? A música, às vezes, dependendo do dia da música remete ao passado, a alguma imagem do que aconteceu, a um cheiro. E, no momento de crise, como esse da pandemia, faz a gente pensar e reavaliar a vida, o que é importante, o que é imediato, o que a gente pode deixar para lá, né?

### **Thiago Bezerra**

Pra mim a arte é o alimento da alma. É... Eu acho que talvez nesse mundo terreno é o que a gente tem mais facilmente acessível pra se comunicar com o mundo espiritual. Independente da sua religião. Então, assim, é o "alimento da alma".

Insert: "Em 2021...", explicar o que os artistas fizeram durante este ano.

Créditos.

### 5.3 *Remotus* ganha vida

Para iniciar a montagem e edição do material, foi preciso realizar um copião: reunir os cortes, a partir da seleção das falas de cada artista, em uma única sequência. Dessa forma, poderíamos acrescentar e encaixar imagens e efeitos posteriormente de uma forma mais fácil. Além disso, as imagens cruas, colocadas em ordem, permitiram que víssemos se a linearidade das falas fazia sentido.

“O processo cinematográfico possui três etapas para se chegar a um objetivo artístico: o roteiro, a realização e a articulação (pós-produção). Todas essas etapas estão implicadas com a montagem. (...) Na prática, não existe filme sem roteiro e esse roteiro pode ser manifesto de formas diversas. ( LEONE, 2005, p. 24 apud SOARES, 2007, p. 175)

Para a introdução do documentário, foram utilizados vídeos do Youtube. Imagens de drone de Brasília foram retiradas do banco de vídeos “pixabay.com” da conta @enzonogueirafm. Imagens de *insert*, ou seja, que foram inseridas para ilustrar o documentário foram retiradas do site “coverr.co”. A trilha sonora foi retirada do site “bensound.com”. Entrei em contato novamente com os artistas, no segundo semestre de 2021, para que eles me enviassem imagens e vídeos que fizeram no ano anterior. O documentário foi feito de forma bastante colaborativa.

Estive em contato com o Gui Monteiro desde o começo das transcrições. Muito do nosso trabalho foi realizado virtualmente. Entretanto, fizemos quatro encontros pessoalmente para definirmos as ordens das entrevistas. Feito isso, começamos a edição. A edição final serviu apenas para dar os últimos retoques, colocar as legendas, a identificação dos artistas e dos locais.

Nomear o documentário também foi uma tarefa complicada. Escutei desde pequena, pelo meu pai, também jornalista, que o título de um texto era dado apenas ao finalizá-lo. Por isso, criei alguns nomes fictícios para ir nomeando o produto: “A nossa pandemia”, “E sem a arte?”, “Relatos pandêmicos”. Para mim, nenhum dava o impacto necessário e simbolizava realmente a essência do produto. Tive a ideia de pesquisar nomes em latim, uma vez que essa língua abrange o mundo e de certa forma influenciou as línguas que aparecem no documentário.

Ao pesquisar “isolado”, no Google Tradutor, apareceu a palavra “remotus”. Porém era preciso confirmar que o nome realmente significava isso. De acordo com o Dicionário Latim-Português, da Porto Editora:

**remōtus, a, um:** Ⓐ *part.* de **removeo** Ⓑ *adj.* I.  
afastado, apartado, distante, retirado.

Assim, eu finalmente tinha um nome para o doc: *Remotus*. A escolha ainda me permite brincar com o fato de, durante a pandemia, termos adotado as palavras “trabalho remoto”, “matérias remotas”, “conexões remotas”.

O vídeo ainda não está no modo público, pretendo fazer um lançamento no dia 19 de novembro de 2021, via Youtube para os entrevistados, amigos e família. *Remotus* está disponível apenas para quem tem o link: <https://youtu.be/OwuqeyQOjh0>.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo caminha para a constante modernização, mas isso não significa que um meio artístico vai suprimir o outro. Há espaço para as diferentes manifestações artísticas e cada expressão é única. A correria do dia a dia foi substituída pelo confinamento. O surgimento desse vírus desconhecido foi capaz de paralisar toda uma realidade. Foi preciso entender que há coisas que fogem do controle do ser humano, do capital, da política, do próprio tempo.

A distância física foi amenizada pelas interações sociais à distância. De certa forma, foi possível estar próximo, mas através de uma tela. Conectados no mesmo instante via internet fez com que não precisássemos - eu e os entrevistados - nos encontrar pessoalmente. Eles, em suas casas, seja em Brasília ou em outras partes do mundo, e eu na minha. Ainda assim, essa possibilidade não substitui a sinestesia em estar pessoalmente com alguém.

A arte, para muitos, foi a forma de usar todos os sentidos, exercitar a criatividade, de externar os sentimentos. A palavra, não necessariamente escrita, mas desenhada, musicada, dançada, lida, pode ser uma terapia. Essa etapa em fazer um produto e escrever essa memória foi um alívio, foi um objetivo a ser cumprido. Um orgulho a ser sentido. Pequenos passos quando se não tem um caminho delineado pela frente são grandes vitórias.

Fazer o *Remotus* durante este período foi uma forma de usar este tempo que parecia que ninguém dominava, porque até hoje não sabemos quanto tempo essa pandemia ainda vai passar. Por isso, fiz tudo com calma. Aceitar que a pressa não adiantaria. Tentei captar a emoção e entender o que os entrevistados sentiam. Escutar desabafos, conversar realmente. Quase todas as gravações tiveram uma hora de duração. As entrevistas foram feitas entre agosto e dezembro de 2020. Transcrição, escrita do roteiro, edição do material, pós-produção e entrega, finalmente, do produto aconteceram durante 2021. Após um ano e dois meses de incertezas, o documentário foi finalizado.

A existência dos artistas entrevistados mostra que o fazer artístico, muito antes de ser uma fonte de renda ou de ego, é uma forma de resistência contra o sistema que não os valoriza. Estar vivo e fazer arte, durante uma pandemia, foi de encontro a situações mal resolvidas seja socialmente, politicamente, não só no Brasil, como no mundo. O plano de fundo de fazer arte é o de resistência. E de amor. Quando todos os recursos se esvaem, a arte também é um protesto.

## REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Guilherme de Almeida; VILLELA, Lucas Braga Rangel. CIRCUITO COMUNICACIONAL: O CINEMA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA SOCIAL\*. *rth* |, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 241–273, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/29095>. Acesso em: 21 out. 2021.

ARTE. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Editora Objetiva, 2009.

CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA, Rodrigo Oliveira (Org.). Cinema documentário brasileiro em perspectiva. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 57.

CATHARIN, Verônica; BOCCHI, Josiane Cristina; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Psicanálise e cinema: o ser humano como um ser cinematográfico. São Paulo: Ide (São Paulo), v. 40, n. 64, p. 143-157, dez. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062017000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso: 21/10/2021.

COVID-19 SOLIDARITY AND EMERGENCY RESPONSE IN EUROPE. Culture Action Europe. Brussels, Belgium. Disponível em: <https://cultureactioneurope.org/news/covid-19-solidarity-and-emergency-response-in-europe-in-arts-culture-cultural-heritage-and-creative-sectors/>. Acesso em: 25/10/2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A arte da quarentena para principiantes. São Paulo: Boitempo, 2020.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. . O fenômeno das fake news e a pandemia: os multiletramentos digitais em questão. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661998>. Acesso em: 18 nov. 2021.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade : cultura e globalização*. Petrópolis: Vozes, 2019.

LABAKI, Amir. Introdução ao cinema documentário. São Paulo: Francis, 2006.

LAING, Olivia. Funny Weather: Art in an Emergency. New York: W. W. Norton & Company, p. 2.

LUCENA, Luiz Carlos. Como Fazer Documentários - Conceito, Linguagem e Prática de Produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012, p.7.

MENESES, Celimar de. Lei Aldir Blanc: artistas do DF começam a receber auxílio na segunda-feira. Metrópoles, Brasília. 23/10/2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/lei-aldir-blanc-artistas-do-df-comecam-a-receber-auxilio-na-segunda-feira>>. Acesso em: 25/10/2021.

ORTIZ Brenda; GALVÃO Walder. Artistas protestam no Museu Nacional de Brasília pela liberação de verba do FAC. Portal G1, Distrito Federal, 13/11/2020 Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/13/artistas-protestam-no-museu-nacional-de-brasilia-pela-liberacao-de-verba-do-fundo-de-apoio-a-cultura.ghtml>>. Acesso em: 25/10/2021.

PANDEMIA. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

PAIXÃO, Fernanda. Expresiones culturales en Argentina se adaptan en tiempos de pandemia. Brasil de Fato, Buenos Aires, Argentina, 12/08/2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/12/expresiones-culturales-en-argentina-se-adaptan-en-tiempos-de-pandemia>>. Acesso em: 25/10/2021

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal...O que é mesmo documentário?, São Paulo: SENAC, 2008.

REMOTUS. In: Dicionário Latim-Português, Portugal: Editora Porto, 2ª edição, 2001, p. 575.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SOARES, Sérgio José Puccini. Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção. 2007. p. 142. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285156>>. Acesso em: 21 out. 2021.

TUCCI, Amanda. Streaming ganha ainda mais relevância com o isolamento social. Forbes, 30/08/2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/principal/2020/08/streaming-ganha-ainda-mais-relevancia-com-o-isolamento-social/>>. Acesso em: 25/10/2021.

WARAT, Luis Alberto. A rua grita Dionísio! Direitos humanos da alteridade, surrealismo e cartografia. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p.8.

ZHANG, Irving. Here's how artists are creating—and surviving—during the Covid-19 pandemic. News@NorthEastern, Boston, Massachusetts, 24 de junho de 2020. Disponível em: <<https://news.northeastern.edu/2020/06/24/heres-how-three-artists-are-creating-art-and-surviving-during-the-covid-19-pandemic/>>. Acesso em: 25/10/2021.